

A Romance com a Baguete: A Verdade por Trás da Paixão Francesa por Pão

Para muitos franceses, a primeira experiência de ser permitido sair sozinho como criança é ir à padaria local. O cheiro do pão se mistura a um novo sentido de liberdade à medida que o *quignon*, a ponta da baguete, é arrancado no caminho de casa. É uma história romântica, mas ela encerra alguma verdade sobre o papel respeitável que o pão e o padeiro desempenham na França – e é parte do que me atraiu, como um padeiro inglês, para o país.

Após ter trabalhado e vivido Paris e Marselha, aprendi que, embora haja muito a admirar na relação francesa com o pão, tudo isso está fundamentado numa teia de relações políticas, sociais e econômicas que podem não ser tão encantadoras quanto parecem do exterior. Por exemplo, a venda de produtos de padaria congelados e feitos industrialmente está alta. A empresa espanhola Europastry, um dos principais produtores neste setor em crescimento, recentemente afirmou que "em um teste às cegas, você não consegue dizer qual é qual" entre seus produtos congelados e a equivalente artesanal não congelada. Na França, pastéis congelados e doces de padaria representaram um impressionante 24% de todos os pastéis em 2024, mais do que no Reino Unido e na Espanha.

Mesmo a romântica simbologia da baguete, o símbolo da identidade nacional, é mais complexa sob inspeção. Originada como o pão da burguesia parisiense, é um pão relativamente caro para fazer, grama por grama. O espaço que ocupa no forno o torna menos eficiente do que um pão maior para assar e, para alcançar a desejável "crosta" "vidrada", a formação laboriosa é feita na mesma manhã que é assada, prendendo os padarias a turnos noturnos árduos. (Isso não é um novo problema – uma das leis impostas pela Comuna de Paris de 1871 foi interromper imediatamente os turnos noturnos dos padeiros.) Muitos dos que trabalham em padarias tradicionais são aprendizes; os donos de padarias frequentemente acabam dependendo e explorando esta força de trabalho subpagada.

Um raft de regras e legislação estão destinados a garantir padrões, mas também podem fornecer um falso conforto. Por exemplo, para que uma padaria seja chamada de *artisan boulanger* (feita por um padeiro artesão), ela deve ter todos os seus pães feitos e assados no local – você não encontrará pães feitos em fábrica, congelados e pré-fabricados lá. Mas não lhe dá garantias de que os padeiros não utilizem misturas e aprimadores em seus produtos, o que é uma prática bastante comum.

Na verdade, a maioria das baguettes feitas na França é feita com farinha branca refinada e muito branca, moldada em rolos e fermentada com levedura de padeiro. O método industrial de moagem em rolos, usado em todo o mundo para fazer a maioria da farinha branca, significa que a fibra, gorduras, conteúdo mineral e muitas das vitaminas são removidas inteiramente. Muita pesquisa mostrou a ligação entre aumentos no diabetes do tipo 2, intolerância ao glúten e problemas gastrointestinais e o consumo regular de farinha branca, refinada em comparação com alternativas mais integrais. O processo único de fermentação láctica-bacteriana longa, único no processo de massa ácida, ajuda a quebrar o glúten e tornar mais disponíveis as vitaminas e minerais, o que está faltando em um pão branco, de fermentação rápida.

Não estou tentando reivindicar a superioridade para o meu país de origem, a Grã-Bretanha. A França é um país muito mais agrícola, o que significa que muitas mais pessoas mantiveram uma conexão com a terra e têm uma compreensão do que, digamos, o trigo realmente parece. Na França, ainda existem muitos pequenos agricultores "camponeses" que continuam a cultivar parcelas de variedades de trigo herança e "população", oferecendo biodiversidade para a terra,

bem como diversidade de sabor (em oposição à monocultura do "trigo moderno", que constitui a maioria do trigo cultivado todo o mundo). Juntamente com movimentos como a Réseau Semences Paysannes (rede de sementes camponesas) e os Paysan Boulangers (camponeses que fazem pão com o seu próprio trigo), eles tiveram sucesso preservar e propagar variedades antigas de sementes e práticas de cultivo, inspirando agricultores e crescedores todo o mundo. Na Grã-Bretanha, perdemos nossas variedades de trigo herança após a industrialização, incluindo aquelas que nossos antepassados cultivaram, que se adaptaram naturalmente ao clima local e terroir. Mas nos últimos anos, o trabalho de criadores de plantas visionários e historiadores de grãos, como Andy Forbes do Brockwell Bake Londres do Sul, John Letts da Lammas Fayre Buckinghamshire e Andrew Whitley da Scotland the Bread, preencheram as lacunas – eles trabalharam para "aumentar" a partir de poucos grãos tomados de bancos de sementes, trazendo para os padeiros variedades de trigo que estavam adormecidas há gerações. A Grã-Bretanha viu uma grande recuperação no número de pequenas padarias independentes que se especializam em pão de massa fermentada, aprendendo não apenas de livros e padeiros no exterior (notadamente nos Estados Unidos e na França), mas também através de experimentação e compartilhamento de conhecimento. Em muitos aspectos, à falta das regras e peso da tradição, há pão mais interessante sendo assado hoje na Grã-Bretanha do que na França.

Mas a França ainda tem muito a ensinar-nos – especialmente cuidar do direito de acesso a algo que dá alegria diária. Quem pode dizer que um baguete quente, rasgado e com manteiga, não é um dos prazeres da vida? E também que o pão é sobre o próprio padeiro – alguém que nutre suas comunidades e pode fornecer um elo tangível entre as pessoas e a terra.

Amenaza de la inteligencia artificial: la visión de Yuval Noah Harari

¿Qué te viene a la mente cuando piensas en el inminente apocalipsis de la inteligencia artificial (AI)? Si eres aficionado a los clichés de las películas de ciencia ficción, puede que imagines robots asesinos (con o sin acentos austriacos gruesos) sublevándose para exterminar a sus creadores arrogantes. O quizás, como en *The Matrix*, elijas máquinas aterradoras que succionen la energía de nuestros cuerpos mientras nos distraen con una realidad simulada.

Para Yuval Noah Harari, quien ha pasado mucho tiempo preocupándose por la AI en la última década, la amenaza es menos fantásica y más sutil. "Para manipular a los humanos, no es necesario conectar físicamente los cerebros a las computadoras", escribe en su nuevo y fascinante libro *Nexus*. "Durante miles de años, profetas, poetas y políticos han utilizado el lenguaje para manipular y dar forma a la sociedad. Ahora, las computadoras están aprendiendo a hacerlo. Y no necesitarán enviar robots asesinos a dispararnos. Podrían manipular a los seres humanos para que aprieten el gatillo."

La importancia del lenguaje y la capacidad humana de tejer historias

El lenguaje y la habilidad humana de tejer historias a partir de él son fundamentales en la comprensión que tiene el historiador israelí, autor de cuatro libros de ciencia popular, de nuestra especie y sus vulnerabilidades. En su éxito de ventas de 2014 *Sapiens* (publicado originalmente en hebreo en 2011), argumentó que los humanos se volvieron dominantes porque aprendieron a cooperar en grandes números, gracias a una nueva habilidad para contar historias. Esa habilidad, que permitió a nuestros antepasados creer en cosas completamente imaginarias, está en la raíz de nuestras religiones, economías y naciones, las cuales se disolverían si nuestras facultades de tejer historias fueran alguna vez apagadas.

Sapiens ha vendido 25 millones de copias hasta la fecha, un testimonio del propio talento narrativo de Harari, aunque ha tenido sus críticos. Académicos que cuestionaron su precisión y la

idea de comprimir 70.000 años de historia humana en 450 páginas. Sitcoms que se burlaron de los fanáticos de Harari que agitan el libro como una especie de biblia moderna. El atractivo de *Sapiens* radica en su alcance abrumador, pero, como un perfil de 2024 en el *New Yorker* señaló, el enfoque zoomado de Harari puede minimizar la importancia de los asuntos actuales.

La era de las redes de información

Nexus podría considerarse como una respuesta a esa crítica. Aunque ejecuta su propio recorrido vertiginoso a través de los milenios, saltando hacia adelante y hacia atrás en el tiempo y entre continentes, está muy preocupado por lo que está sucediendo hoy.

Si las historias eran fundamentales para el esquema de *Sapiens*, aquí se trata de redes de información, las cuales Harari ve como las estructuras básicas que subyacen a nuestras sociedades. "El poder siempre proviene de la cooperación entre grandes números de humanos", escribe, y el "pegamento" que mantiene unidas estas redes de cooperación es la información, la cual "muchos filósofos y biólogos" ven como "el bloque de construcción más básico de la realidad".

Pero la información no siempre dice la verdad sobre el mundo. Más bien, enfatiza Harari, da lugar a ficciones, fantasías y delusiones masivas, las cuales conducen a tales desarrollos catastróficos como el nazismo y el estalinismo.

¿Por qué *Homo sapiens*, para todos sus éxitos evolutivos, es tan perennemente autodestructivo? "La culpa", según Harari, "no está en nuestra naturaleza, sino en nuestras redes de información."

Su punto básico es que las revoluciones de la información pueden dar lugar a períodos de florecimiento humano, pero siempre vienen con un costo.

Al echar un vistazo a cómo la información nos ha llevado astray en el pasado, Harari no tiene escasez de ejemplos en los que apoyarse. Uno de los más memorablemente grotescos es *Malleus Maleficarum*, escrito por el fraile dominico Heinrich Kramer en la Austria de la década de 1480. Una guía para descubrir y asesinar brujas de manera horrible, el libro no habría viajado lejos de no ser por la invención de la imprenta unos pocos decenios antes, la cual permitió que las ideas desquiciadas de Kramer se extendieran por Europa, avivando una fiebre de caza de brujas.

Harari hace hincapié en que las revoluciones de la información pueden dar lugar a períodos de florecimiento humano, pero siempre vienen con un costo. Cuando inventamos nuevas tecnologías brillantes que llevan palabras e ideas más lejos y más rápido que nunca antes, mucha de la información que sale es basura o activamente peligrosa. No se ayuda al hecho de que, cuando se trata de mantener el orden social, las ficciones tienden a ser agentes de unión más confiables que las verdades.

Lo que es aterrador sobre la revolución de la AI no es solo que seremos abrumados por la desinformación de los chatbots, o que las autoridades utilizarán para espiar nuestras vidas privadas. A diferencia de tecnologías anteriores como los libros y las radios, escribe Harari: "La AI es la primera herramienta que es capaz de tomar decisiones y generar ideas por sí misma." Vimos una advertencia temprana de esto en Myanmar en 2024-17, cuando los algoritmos de Facebook, encargados de maximizar la participación del usuario, respondieron promoviendo propaganda de odio antir Rohingya que avivó el asesinato en masa y la limpieza étnica.

Harari hace un caso sólido sobre por qué debemos considerar tales algoritmos como agentes autónomos y cómo, si no tenemos cuidado, los humanos podríamos convertirnos en herramientas que la AI manipule con una fuerza cada vez más terrible. A menos que tomemos medidas inmediatas, este creciente "intelecto extraterrestre", como prefiere llamarlo, podría desencadenar catástrofes que ni siquiera podamos imaginar, incluida la destrucción de la civilización humana.

Esta visión pesimista de la AI no es nueva: "alarmistas" como Eliezer Yudkowsky han advertido de su potencial apocalíptico durante años, e incluso la industria de la AI ha comenzado a expresar

preocupaciones. Lo que Harari busca agregar al debate es la perspectiva a largo plazo. Al aplicar su lente a revoluciones de información anteriores y mostrar cómo diferentes formas de gobierno han reaccionado a ellas, cree que podemos prepararnos para los terremotos por venir.

Nexus tiene algunas curiosas lagunas; es extraño, en una crítica de una tecnología impulsada en gran medida por corporaciones centradas en el beneficio, que el capitalismo apenas se mencione en absoluto. Pero ya sea que estés de acuerdo o no con el marco histórico de Harari sobre la AI, es difícil no impresionarse por la meticulosidad con la que lo construye, salpicando lo que podría ser un análisis rather dry con ejemplos vívidos, como la historia de Cher Ami, un paloma mensajera de la Primera Guerra Mundial, utilizada aquí para desentrañar la fundamental resbaladiza de la información. Como en libros anteriores, se apoya heavily en listas ("los dos desafíos principales", "los cinco principios básicos") y binarios (verdad versus orden, democracia versus dictadura), pero esto sirve para organizar su pensamiento en lugar de aburrir la escritura. Las soluciones que propone para restringir el poder de la AI van desde lo sensato (prohibir a los bots que se hagan pasar por humanos) a lo risible (animar a los artistas y burócratas a "cooperar" para ayudar al resto de nosotros a comprender la red de computadoras), pero *Nexus* opera principalmente como un diagnóstico y una llamada a la acción, y en esos términos es ampliamente exitoso. Si se vende tan bien como *Sapiens* lo hizo, estaremos un poco mejor equipados como especie para enfrentar el auge de las máquinas.

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: site blaze aposta

Palavras-chave: **site blaze aposta - symphonyinn.com**

Data de lançamento de: 2024-11-15